

Canavieiros do Nordeste podem entrar em greve

Recife — Ao som de um alto-falante instalado na parte externa do prédio, centenas de trabalhadores do Sindicato Rural de São Lourenço da Mata, na Grande Recife, o segundo mais antigo do estado, acompanharam a voz enérgica de um orador que anunciava as 54 reivindicações da campanha salarial dos canavieiros deste ano. Depois de ler cada uma delas, o orador repetia a frase "este ano ou vai ou racha" e era acompanhado por aplausos. Como ocorreu com outros 149 sindicatos de trabalhadores rurais de quatro estados do Nordeste, que realizaram assembléia geral ontem para referendar as reivindicações, os canavieiros de São Lourenço da Mata também resolveram deflagrar greve geral a partir do dia 26 deste mês, se não houver acordo com os usineiros.

As reivindicações são as mesmas para os outros 149 sindicatos espalhados por Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte, que decidiram realizar, pela primeira vez desde 1962, quando se iniciou a história dos sindicatos rurais nordestinos, uma campanha salarial unificada. Os 4 estados são responsáveis por 92,5% da produção de cana-de-açúcar e álcool do Nordeste.

A campanha está sob a organização da Contag e das 4 federações dos trabalhadores rurais dos estados e envolverá cerca de 1 milhão de canavieiros. As 54 reivindicações dos trabalhadores serão apresentadas à classe patronal ainda hoje, para serem negociadas num prazo de 5 dias. Se não houver um acordo, os sindicatos entrarão em greve geral.

Negociação

No Sindicato Rural de São Lourenço da Mata, que tem cerca de 3 mil associados, o presidente Agapito Francisco dos Santos, 45 anos, ao utilizar o microfone anunciava aos trabalhadores: "Já estamos sabendo que os usineiros não querem negociar nosso aumento salarial. Mas, este ano, nós não estamos brincando. Ou vai ou racha, não faremos acordo". A afirmação lembrava o acordo do ano passado, obtido no último dia de negociações, evitando a greve, já que os usineiros se negavam a pagar o aumento que exigiam. De 1979 até agora, o ano passado foi o único em que os trabalhadores do entraram em greve — que implica dissídio — por causa do acordo.

"Todas as nossas reivindicações são negociáveis, pois não somos intransigentes. A principal será do nosso salário e não abriremos mão dela", afirmava o presidente do sindicato. Ele explicou que, nos acordos para se fazer a campanha salarial unificada, as quatro federações de trabalhadores rurais combinaram que cada uma só fecharia o acordo com os usineiros se nos demais estados também fossem aprovadas as reivindicações. Segundo ele, não haverá muitas discrepâncias no resultado das negociações, já que "normalmente os usineiros de um estado também têm usinas nos outros".

Reivindicações

Os trabalhadores exigem um aumento de 25%, que permitirá um salário de Cz\$ 1.200.00, e um reajuste automático do salário unificado, cada vez que a inflação atingir 5%. Eles querem também que haja uma tabela de trabalhos que determine quanto custará, por fora, cada serviço dos trabalhadores como roçagem, revolvimento de terra com arado de boi, sulcagem com arado e corte de cana.

Os canavieiros também exigem medidas preventivas contra a violência física no local de trabalho, através do desarmamento de administradores, cabos de serviços e fiscais do campo, que portam revólveres e espingardas no trabalho.

Entre as reivindicações há outras importantes: lei do sítio — que permite aos trabalhadores com um ano de emprego utilizar dois hectares de terra na entressafra, para cultivo de culturas de subsistência; salário-família, 5% do salário para cada filho com menos de 14 anos; salário-doença; afastamento remunerado da mulher trabalhadora no campo; pagamento da primeira parcela do 13º salário em junho; estabilidade no trabalho de seis meses para mulheres gestantes, depois dos três meses assegurados por lei.

(Página 5)